

Damos início à semana da Paixão olhando para Jesus montado num burrito. A aclamá-lo, uma multidão delirante: a multidão corre de um lado para o outro, grita, canta, agita-se, empunha ramos de palmeira, ouvem-se “hossanas”... Mas Jesus passa o dia num mudo silêncio. O Mestre não fala. Mais ainda, termina o dia com uma visita demorada ao templo. Uma visita silenciosa em que Ele, longe de contemplar as pedras mudas do imponente edifício, olha, com mágoa, para os corações daqueles que se mascararam para entrar no templo.

Lemos hoje o relato da Paixão. E eu gostaria de destacar o grito de Jesus no cimo do monte da Caveira e que hoje rezamos como refrão do salmo 22: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?”

Iniciemos a Semana da Paixão guiados pelo grito de Jesus, um grito tão angustiante quanto actual. Neste grito de Jesus estão retratados:

1º Uma multidão de doentes oncológicos que, nos hospitais ou em suas casas, como o bíblico Job, assim desafogam as suas mágoas: “Pereça o dia que me viu nascer, a noite que disse: um menino foi concebido! Esse dia, que se torne trevas, que Deus do alto não se ocupe dele, que sobre ele não brilhe a luz! Por que não morri ao deixar o ventre materno, ou pereci ao sair das entranhas? Por que me recebeu um regaço e seios me deram de mamar? Agora dormiria tranquilo, descansaria em paz, com os reis e os ministros da terra, que construíram mausoléus para si”.

2º Tantos e tantos milhares de idosos que vivem na mais absoluta solidão uns; outros espoliados dos seus bens e da sua dignidade. Todos eles se revêem no sofredor Job e fazem suas as palavras bíblicas: “Ah, se pudessem pesar a minha aflição e pôr na balança o meu infortúnio, seriam mais pesados que a areia do mar. Meus irmãos atraçoaram-me como uma torrente, como canais de um rio que transborda, tornando-se turvo pelo degelo e arrastando consigo a neve. Como o escravo suspira pela sombra, como o mercenário espera o salário, assim tive em herança meses de desilusão e couberam-me noites de amargura”.

3º Um incontável número de homens e mulheres com um passado ligado às drogas duras, transversal a toda a sociedade e no qual estão representados todos os grupos sociais, sem excepção, que, até ao derradeiro minuto do último dia das suas vidas, carregarão um pesado, muito pesado, mas mesmo muito pesado fardo... sempre pronto a esmagá-los... E que, mais dia menos dia, numa hora de infelicidade, lá acaba por os derrubar uma vez mais... A todos sem excepção! Também estes fazem suas as palavras do salmo 22:

“Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

*Grito de dia e não me respondes,
de noite, e nunca tenho descanso.*

*Quanto a mim, sou um verme e não um homem,
riso dos homens e desprezo do povo;
todos os que me vêem caçoam de mim,
abrem a boca e meneiam a cabeça.*

*Eu me derramo como água
e os meus ossos se desconjuntam;
meu coração está como a cera,
derretendo-se dentro de mim;
seco está meu paladar, como um caco,
e minha língua colada ao maxilar;
tu me colocas na poeira da morte.
Tu, porém, Javeh, não fiques longe!
Força minha, vem socorrer-me depressa!*

Deixemo-nos, neste início da Semana da Paixão, interpelar por aquele mudo olhar de Jesus no templo de Jerusalém. Um olhar acusador. Um olhar de indignação. É que também nós, à semelhança dos conterrâneos de Jesus, tantas vezes nos mascaramos para ir ao templo. E, nesses dias, Deus, com o seu silêncio, diz-nos que está longe, muito longe, dos nossos rostos mascarados.